

O CONFISSIONARIO



Ganganelli

I

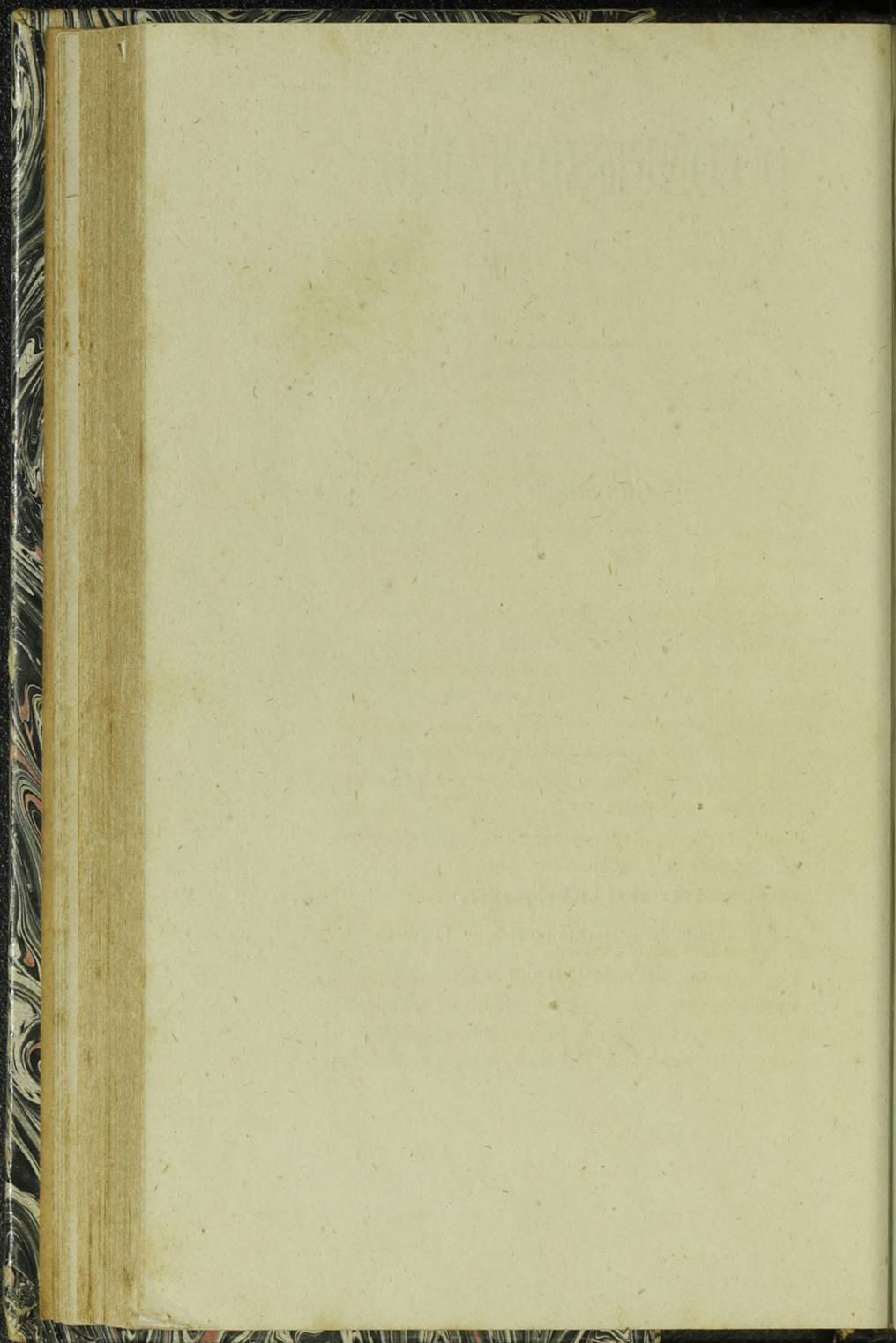


RIO DE JANEIRO

Typographia do — DIARIO DO RIO, DE JANEIRO

97 Rua do Ouvidor 97

—
1874



A IGREJA E O ESTADO

Caveant consules.

XXVIII

O confissionario

E' nelle que os jesuitas e ultramontanos encontram o principal elemento de seu poder!

A mulher!

E' a primeira e principal victima desse artificio fraudulento.

Mães de familia, senhoras honestas, filhas innocentes e puras, acautelae-vos todas contra os lobos de sotaina, contra os roupetas immoraes e sedentos de ouro e de poder, que de vós pretendem fazer o seu mais vigoroso instrumento para a realisação de seus planos tenebrosos!

Elles vos acariciam e, traçoeiros, vos fallam em nome de Deus para melhor illudir-vos!

Elles vos aterrorisam com a ameaça de horribeis penas eternas para conseguir de vós o que não deveis, o que não podeis fazer.

Estes abutres da consciencia teem estudado a indole da mulher, comprehendem quanto poder ella tem no seio da familia e, abusando do character sagrado que sem cessar malbaratam, empenham-se em

— 4 —

illudil-a, promettendo-lhe o reino do céu em premio de sua perdição, acenando-lhe com o inferno se ousar permanecer digna e fiel e resistir ao sophisma torpe, com que pretendem arrastal-a a seus fins.

A mulher, essencial e naturalmente religiosa, sem a educação sufficiente para discernir o verdadeiro do falso, acredita facilmente no padre, em quem de boa fé confia, suppondo-lhe virtudes e sentimentos con-dignos do seu estado.

Nisso vae o principal erro do sexo bondoso e fragil, que, considerando o confissionario logar só de verdade e da palavra de Deus, deixa-se seduzir pela mentira e pelo erro, que, em seu espirito des-previnido, enxertam esses soldados de Roma.

O confissionario é o maior perigo para as mães de familia, para as senhoras que se prezam, para as filhas honestas e, em uma palavra, para a mulher digna.

E'ahi que ellas adquirem gravissimas suspeitas contra os maridos, contra os irmãos, contra os filhos, contra os parentes e contra os amigos.

E'ahi que a intriga a mais vil se urde, porque os jesuitas não descansam na sua obra, a perturbação da familia, para conseguirem a perturbação social, da qual necessitam, afim de chegarem a seu negro «desideratum».

E' mister desvirtuar tudo; e elles comprehendem a vantagem de começar pela desvirtuação da mulher.

A assiduidade de um barbadinho, de um jesuita no seio de uma familia, é o prenuncio fatal de tremenda luta domestica.

Attenjam as senhoras ao que tem vindo do «Castello», quartel-general do fanatismo !

Estudem reflectidamente as doutrinas que alli se ensinam, os conselhos malevolos que alli se dão ; avaliem as consequencias a que necessariamente chega quem se deixa illudir por essas sereias barbadas, e abandonarão toda a phalange de Roma, que com tanta «devoção» trabalha na obra maldita do obscurantismo.

O frade romano, o jesuita, o ultramontano criam «beatas», fazem da mulher uma nullidade social ou, fanatisando-a, constituem-a o flagello da familia.

Quantas por ahi jazem perdidas pelo confissionario, quantas, perturbadas por esses padres perversos, tornam-se apenas objecto da publica commiseração ?

Os exemplos formigam.

Entre outros veja-se o que recentemente nos refere uma acreditada folha de Minas Geraes.

« FRUCTO JESUITICO.—Uma infeliz senhora, que ha quasi anno e meio sahiu do confissionario com as faculdades intellectuaes perturbadas, anda actual mente de porta em porta nas ruas desta cidade, pedindo a quem encontra o favor de rezar um «Padre Nosso» á Nossa Senhora da Aparecida para a salvação de sua alma.

Além desta mais tres senhoras deixaram os « santos» missionarios loucas, havendo fallecido duas.

A imprensa fanatica nunca registrou este « portentoso » milagre dos celebres jesuitas, que estão fazendo da provincia de Minas um aldeamento de «bugres» ; e visto que batem palmas quando teem

ocasião de tratar de uma coincidência a que attribuem a intervenção de Deus ou poder milagroso dos taes «missionarios», devem tambem explicar o facto que assignalamos e que é fructo dos jesuitas missionarios, que aqui estiveram.»

E não é de agora que o confissionario se avanta na infamia e na immoralidade.

Percorram-se as paginas da historia, e ali se achará a mais clara e evidente demonstração do que dizemos.

Quantas miseras senhoras, que constrictas expuzeram suas faltas ao confessor, contando com o prometido sigillo, ficam expostas á execração ou ao escarneo, propaladas as suas ingenuas confissões?

Quantas se teem levantado do confissionario, indignadas ao ouvirem propostas e declarações infames?

Quantas virgens teem aprendido no confissionario aquillo que ignoravam e que deviam ignorar?

A quantas, e é geral nesta miseravel situação, perguntam os confessores, por exemplo, se seus maridos, paes, irmãos, filhos são maçons, «aconselhando-as que os detestem, sob pena de serem condemnadas ao fogo eterno?

A influencia dos confessores sobre a mulher, quanto aos resultados dessa intimidade tão contraria aos nossos costumes, como ás leis geraes do decoro, é bem descripta por Paulo Luiz Courier nos seguintes termos:

« Que vida, que condição a de nossos padres!

Prohibem-lhes o amor, o casamento, e entregam-lhes as mulheres!

Prohibem-lhes ter uma esposa, consentindo-lhes viverem familiarmente com todas.

E é pouco ainda.

A confidencia, a intimidade, o segredo de suas acções, de seus pensamentos os mais reconditos, tudo ellas lhes devem communicar !

A innocente moça, por influencia de sua mãe, confessa-se ao padre, ao padre só ; instruida, casa-se; e casada, torna a confessar-se, e eil-a governada !

E em suas affeições as mais puras, o confessor as perturba !

O que a noiva não ousa confessar á sua mãe, nem ao seu noivo, o padre deve saber : pergunta-lhe e sabe de tudo !

Confessar uma moça ! Imaginae o que é ! Escuta-a ao ouvido, baixinho, no fundo de uma igreja, em uma especie de santuario juxtaposto á parede ; ouvir suas faltas, suas paixões, seus desejos, suas fraquezas ; recolher um a um todos os seus suspiros, sem se sentir abalado ! . . .

Só um santo poderia ser confessor !

Não podendo fugir, geme apparentemente, suspira e recommenda-se a Deus.

O confessor, porém, é homem : treme, deseja e, a seu pezar talvez, espera . . .

E ella vem. Ajoelha-se diante d'elle, e confessor e peccadora sentem conjuntamente seus corações pulsarem precipites !

E sós, não tendo por testemunhas senão muros

e abobadas, conversam. Sobre que? « Sobre tudo que não é innocente »!

Fallam e murmuram em voz baixa.

E tudo isto dura uma hora e mais, e renova-se por muitas vezes! »

Nos primeiros seculos da Igreja, a confissão era puramente facultativa e não havia senão a confissão publica.

Os christãos mais fervorosos confessavam suas faltas aos seus irmãos, e esta confissão, exigida somente aos «neo-conversos», não era cousa extraordinaria, pois que já existia entre os pagãos.

A confissão auricular foi pouco a pouco introduzida na religião christã, dando causa a muitos protestos.

Pelo fim do seculo VI. S. Goar reprehendeu ao bispo de Trèves por ter se lançado a seus pés para confessar-lhe «uma fraqueza sua», em vez de confessar-se somente a Deus!

S. Gilles perdoava os peccados de tocos que se arrendiam; e «independentemente de confissão.»

S. João Chrysostomó recommendava que se confessassem a Deus e não aos homens!

Desde que a confissão foi imposta aos crentos, a intenção sinistra dos padres de Roma foi conhecida.

No confissionario se preparou a extorsão, o roubo e o descalabro das fortunas particulares.

Nos primeiros seculos do christianismo o penitente era obrigado a dar uma moeda ao confessor.

No correr dos tempos os padres crearam a «obrigação de consciencia» de deixarem uma parte de

seus bens á Igreja, e áquelles que não cumpriam «esse dever» se recusava até a sepultura !

Desde logo a posição do confessor se tornou extremamente «importante e lucrativa», o que deu logar á mais encarniçada luta entre o clero secular e o regular para a «dircção da consciencia ! »

O frade aconselhava na confissão que os bens do confessado fossem dados aos seus conventos, e aos curas os que queriam para suas igrejas! A avidéz era tanto maior, a mendicidade tanto mais importuna, quanto não « pediam para si pessoalmente. »

Os governos civis providenciaram, como poderam, contra taes abusos, e desde logo o «confessor» variou de acção, procurou outras vantagens e as conseguiu, introduzindo-se no « segredo das familias ! »

Por este meio astucioso chegou a envolver-se nos negocios mais importantes como conselheiro e confidante, e assim adquiriu influencia e poder !

O ciume, que entre os confessores, quando apenas eram es directores das consciencias do povo, se manifestava descommunalmente, pois que cada um queria « para si só » o que podia extorquir da ignorancia, subiu de ponto logo que alcançaram approximar-se dos grandes, dos principes e dos soberanos !

Ante os Reis devotos elles valeram mais do que o primeiro ministro, e dali nasceram as lutas, as rivalidades, as intrigas torpes que miseravelmente tiveram logar entre as diversas ordens religiosas, disputando-se a importancia, « sem igual », de ser « confessor do Rei. »

Os jesuitas, mais calculados, mais insidiosos, mais

audazes sempre do que todos, conquistaram essa desejada posição, na qual mais facilmente podiam dominar os povos, como o conseguiram !

«Lachaise», confessor de Luiz XIV, sentindo-se alquebrado pelos annos, o aconselhou que tomasse outro, mas que não deixasse de o escolher entre os padres da «Companhia de Jesus», á qual elle pertencia : e as razões que dera, e para conseguir do Rei a continuação da influencia jesuitica, consistiam em que «convinha aproximar-se dessa companhia, que, extensa já e poderosa, devia ser lisonjeada, para que não se lhe declarasse em hostilidade !»

Taes eram, porém, as perfídias desses regios confessores, que um padre consciencioso e que occupava esse cargo junto a Victor Amadeu, Rei da Sardenha, achando-se proximo a entregar a alma ao Creator, o chamou e lhe disse : « Senhor, a vós, que me tendes tanto beneficiado e distinguido, não faltarei com o maior reconhecimento e gratidão. Neste momento, o mais solemne da vida, e quando a mentira é um impossivel, vos peço que não tomeis por confessor nenhum jesuita. Não me questioneis sobre isso, porque não vos posso responder. »

O padre Cotton foi quem estabeleceu o reinado dos jesuitas no confissionario dos Reis de França. Sendo um dos mais destros na astucia, apparentava não envolver-se nos negocios publicos ; apesar, porém, de toda a sua habilidade, não escaparam suas intenções á penetração de Henrique IV, que dizia : « j'ai du COTON plein les oreilles. »

A astucia jesuitica, porém, caminhava, e com tanto

geito, com tanto disfarce e manha tão estudada, que no reinado de Luiz XIV pôde ser ostentada a preponderancia do «confessor do Rei», personagem desde então importantissima da côrte e como tal mencionada nos annuarios.

Em 1712 o jesuita Miguel Le Tellier percebia dos cofres publicos cerca de 7,000 libras, por anno, além de mesa esplendida, sempre que se achava na côrte!

A influencia do confessor foi em todos os tempos por demais nociva, quer á moral, quer aos bons costumes dos povos, quer aos mais altos interesses do Estado.

A Hespanha, esse paiz essencialmente catholico, esteve sempre sob a influencia dos «confessores do Rei.»

Os mais celebres foram os padres «Nithard e d'Aubenton».

O primeiro de tal modo abusou de sua influencia «sobre a Rainha», que a indignação publica forçou-a a deixar a Hespanha e a retirar-se para Roma!

O padre «d'Aubenton» foi enviado por Luiz XIV para servir de «confessor» a Philippe V, e não foi sem muito trabalho que obteve este cargo, até então privilegio exclusivo dos dominicanos!

A princeza de «Ursini», por seu valimento, obrigou-o a retirar-se.

Entretanto, depois da queda dessa intrigante, foi elle chamado e confessor do Rei até sua morte.

Sua influencia, como a de todos os jesuitas, foi fatal á Hespanha e á França, e todos os seus esforços tenderam sempre a assegurar e augmentar os interesses de sua «companhia.»

Louville, embaixador de Luiz XIV, em Madrid, narra uma conversação que teve com «d'Aubenton», mostrando mais uma vez com que curiosidade indiscreta e indecente a maior parte dos padres desacreditam o confissionario. A conversação é por tal modo immoral e indigna, que nos abstemos de a transcrever.

Os Reis de Hespanha tiveram muitos outros «confessores» ambiciosos e aduladores.

Um dos descendentes de Felippe V só ia á casa de sua amante, «que era religiosa», acompanhado de seu medico e de seu «confessor», que o esperavam á porta, para cuidar-lhe «do corpo e da alma em sua sahida!»

O ultimo «confessor» official na Hespanha foi o padre «Claret», que muito contribuiu para a queda de Isabel II. Este padre «Claret» foi militar e fez carreira do modo seguinte :

Em 1821 fazia parte da banda de Cabrera, que em um bello dia, batida por todos os lados, julgou-se inteiramente perdida. «Claret» fez então voto de abraçar o sacerdocio, se a Providencia o livrasse de tal perigo. Escapou e cumpriu sua palavra. Ordenado, obteve a nomeação de bispo de Cuba e a de «smoler da Rainha», que elle acompanhou até vê-la fugida de Hespanha em 1863.

E' á direcção dos jesuitas que se deve a revolução que em 1633 expulsou Jacques II do throno de Inglaterra.

«Henriqueta Carracciolo», que foi religiosa 90 annos, e que em 1814 publicou os «Mysterios dos

conventos de Napoles», livro que produziu grande sensação, exprime-se do seguinte modo sobre a importância do confissionario nos conventos :

« Supponde que um concilio supprima nos conventos de mulheres «a felicidade suprema do confissionario», e o Estado poderia dispensar-se de fazer leis sobre o futuro do monachismo, porque os conventos de mulheres fechar-se-hiam por si mesmo, no fim de algumas semanas. »

E diz mais :

« Ha religiosas que não ousam, nem ao menos fazer seu rol de roupa sem a intervenção do seu confessor ! Uma conheci eu que via seu confessor tres vezes por dia ; de manhã levava-lhe provisões para o jantar ; mais tarde, quando vinha da missa, servia-lhe de biscoutos e café : e depois do jantar ficava com elle longas horas para fazer, dizia ella, a conta do que tinha despendido pela manhã ! Não contente ainda com tão numerosas entrevistas, escrevia-lhe duas vezes no intervallo das visitas. »

E tal é o beneficio das confissões e tal o resultado «desta industria» que os calculados padres de Roma puzeram em acção no mundo catholico, e com a qual obtem desde os bens materiaes dos fieis até á subserviencia dos que acreditam nelles.

Ainda uma consideração sobre esta mat-ria.

Da « confissão », primitiva quando a sociedade christã era pouco numerosa, formando uma sorte de pequeno cenaculo, velando activamente sobre a conducta de seus membros, como o fazem ainda hoje certas seitas americanas ; á «confissão auricular»,

como a decretaram os concilios de S. João de Lairão e de Trento e como é praticada na Igreja Romana ha muitos seculos, ha um abysmo profundo.

O padre tem direito de absolver o assassino, o ladrão, o adultero, mas não pôde perdoar a quem ousou levantar mãos sacrilegas contra um clerigo, embora provocado por elle!

E' uma theoria esta que foi sempre da Igreja, que tem como menos culpado o ladrão e o assassino do que quem attenta contra o menor dos seus direitos.

O recurso dos «casos reservados ao Papa» teve por fim impellir os perigrinos á Roma, onde iam buscar o perdão de seus peccados, deixando, entretanto, alli as suas riquezas!

Desde, pois, a simples «moeda» que se pagava ao confessor, logo que foi inventada a confissão pela Igreja Romana, até ás grossas sommas com que o Papa absolve os «peccados reservados», não ha ante o imparcial e o que com calma e reflectidamente estuda a historia, outra cousa que não seja a ganancia vil, o lucro sordido, o negocio immundo dos padres de Roma.

A confissão, como elles hoje a querem, como ensinam, por muito repugnante á razão e á dignidade humana, não podia ser sustentada só com a autoridade de Roma.

Era mister dar-lhe um character divino, e as santas escripturas foram invocadas, suas letras foram torcidas e ageitadas de modo a darem á tal confissão, e o maior sacrilegio, a autoridade da palavra de Deus!

Charlatãs ! Arrastam o Ente Supremo até tornalo instrumento da mais forte agiotagem das consciencias !

E para tudo acham elles um « texto » !

Ainda ha dias lemos na folha do « corajoso » D. Lacerda, que o Evangelho autorisa e aconselha a « esfregar jornaes nas caras de seus redactores e a zurzil-os com um vergalho (textual). »

Que muito é que a confissão, como hoje querem, seja extorquida das letras sagradas ?

A consciencia dos padres de Roma é sempre a mesma.

E aquelles que os seguem, e que presentemente se dizem do « povo », para melhor servirem aos seus interesses e preparar clientela para futuros « mas-sacres eleitoraes », estão viciosos como elles.

Aventuram proposições extravagantes e incompativeis com os principios que ostentam, e logo que se lhes apontam as contradicções, incommodam-se e bradam : não é exacto ! não somos o que suppondes, « se bem que philosophicamente reputemos compativeis todas as incoherencias ! »

Elogiam os bispos, que se rebellam contra o Estado, e applaudem até as promessas de « effusão de sangue » e de « resistencia armada », e quando se lhes aponta o disparate, corridos de vergonha, insultam e vilipendiam !

So lhes é provado até á evidencia, que tratam, sem consciencia, de perturbar as cousas para estabelecer sobre suas ruinas, o mais nefando dominio, esbravejarem e attribuem ao adversario o máo desejo de

« turvar as aguas » para... o que nem elles mesmos sabem definir !

E quando combatidos com vantagem e já esgotados os argumentos irrespondiveis e incontestaveis, e todas as mais amplas demonstrações das theses que teem sido trazidas a publico, se consideram vencidos, eil-os que surgem « com vestes que lhes não pertencem », provocando polemica « de que não entendem », e pedem novamente discussão, gritando que ninguem os vencerá !

Tudo isto, que mais provoca o riso do que molesta, nada vale ante quem, dizendo a verdade ao povo, « este nobre e principal elemento do poder legitimo », não procura fazer delle um instrumento e menos pretende armar a uma popularidade artificial e sem merito.

Concluiremos este artigo transcrevendo o seguinte:

S'ils montrent de la piété,
Las ! c'est que la simplicité
Du même peuple s'y arrête ;
Et par ce signe trop charmant
Ils trompent malheureusement
L'âme qui pour les croire est prête.

GANGANELLI.

Rio, 21 de Março de 1874.

O CONFISSIONARIO



Ganganelli

II



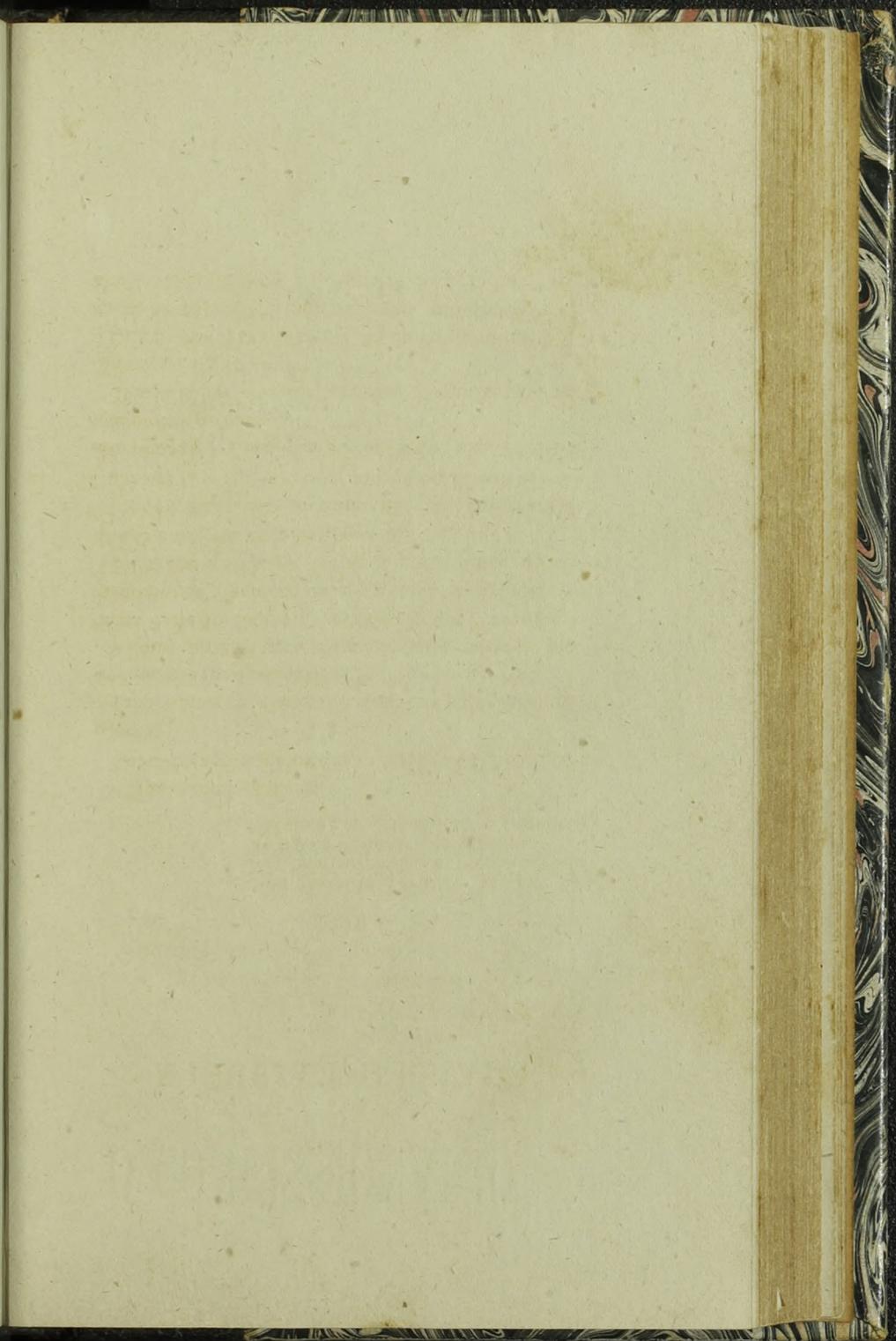
RIO DE JANEIRO

Typographia do — DIARIO DO RIO DE JANEIRO

97 Rua do Ouvidor 97



1874



A IGREJA E O ESTADO

Caveant Consules

XXIX

Non obstante periculo pollutionis,
licet audire confessiones mulierum,
ac legere tractatus de turpibus !
(E' da Theologia moral de Liguori.)

Ainda o confissionario !

Examinemos a materia em relação ao celibato dos padres.

Comecemos por mostrar quanto é este incompativel com o confissionario.

« Para formar uma alliança entre pessoas piãs (dizia Sertorio Caputo, «padre da Igreja Romana») «o demonio» se prevalece da apparencia da virtude.

Formada a alliança, faz com que o amor da virude se converta em amor pessoal.

Os que disso são victimas não se apercebam de transicção, porquanto esta não se opera ostensiva e abertamente e sim por imperceptiveis, mas proficuas tendencias do coração.

Desde então o tracto angelico é suplantado por convivencia humana.

Quasi involuntariamente se muda de vistas, proferem-se palavras lisonjeiras, que, penetrando até a alma, ainda parecem da primeira devoção ; e

«Spiritualis devotio convertitur in carnalem» !
Quantos sacerdotes virtuosos, victimas de afeições começadas pela piedade, perdem Deus e piedade ! »

Assim se exprime o padre «Gaume» no seu «Manual dos confessores».

A Igreja Romana, pois, reconhece o perigo, mas, em vez de acatular, o provoca, obrigando á confissão !

Cedamos a palavra ao illustrado «Jacobus»:

Diz elle e incontestavelmente:

« A Igreja Romana, que se esforça por convencer por seus cathecismos, que «Deus permittit ao demonio fazer-nos uma guerra incessante»; ella que ensina que Lucifer faz acompanhar cada homem de um mão anjo (Theologia de Wertzbourg) e que a tentação nos persegue, como o leão ageita a sua preza para devoral-a, «circuit quærens quem devoret», obriga os padres ao celibato e os colloca em relações intimas com as mulheres !

E os proprios que, cordialmente devotados a Deus, não queiram cahir no abysmo, dirão aterrorizados como S. Cypriano: «Lônge de nós essa peste (mulheres), que é visco envenenado de que se serve o diabo para prender nossas almas. »

A Igreja Romana, porém, fez do confissionario obrigado o logar mais commodo ao diabo para «exercer o seu encargo» !

Jesus Christo disse:

«Quem se expõe ao perigo nelle perecerá».

E os chamados sacerdotes de Christo fizeram do «perigo» uma instituição permanente !

E' um peccado mortal procurar occasião e logar de peccar (ensina tambem a Igreja); entretanto obriga a uma misera penitente a não poder ser absolvida e expõe o padre ao maior perigo!

« Figurae, diz mais o citado «Jacobus», um padre na idade em que ainda o amor seja para elle uma lei imperiosa, bondadoso naturalmente, grave como o dever, santo como a familia. Este homem, nessa idade, é constringido pela Igreja Romana a um «voto», renuncia o amor, e, por juramento, transforma em crime as leis da humanidade!

Mas o que póde o juramento contra as forças da natureza?

Longo e terrivel combate se trava!

E como é elle preparado para a luta?

Apenas jura, é a sua imaginação escandecida pelo estudo das questões as mais impudicas! A theologia não omitta nenhum «detalhe», não esquece nenhuma circumstancia que possa excital-o!»

Nessa parte esse estudo ecclesiastico de Roma pretere absolutamente todas as conveniencias, toda a decencia, e tanto que não nos animamos a dar conhecimento delle aos leitores

De um tal estudo vem infallivelmente o crime!

Em presença da deshonra, visões de infamia se lhe antolham. Maldiz em vez de amar, substitue pelo odio o remorso, e dahi a regra jesuitica de que:

« Um padre póde matar a mulher que elle tem profanado e que o ameaça de perdê-lo. »

O padre Andrews, em 1853, espancou cruelmente a uma penitente que lhe resistiu; o mesmo fizeram outros na Saboia em 1854.

Um feroz jornalista ultramontano, na Suissa, matou dous filhos que tivera de sua cozinheira.

Mãe e filhos tem sido assassinados para encobrir as faltas de padres perversos.

Os nomes de «Cecilia, Cambelles, Listade, Maingrab» e outros não serão jámais esquecidos.

« Se tendes uma filha, dizia Courier, entregae-a antes a quem a possa desposar do que ao homem que tem feito voto de castidade. »

A confissão, como Roma a creou, nem assento tem nas escripturas sagradas.

O que nestas ha de positivo não autorisa essa obra nefanda da politica pontificia.

Vê-se em «S. Paulo aos romanos XIV, 12» que a confissão deve ser feita a Deus.

Vê-se em S. Marcos II, 7, que só Deus pôde perdoar

Vê-se no Psalmo XXXI, 5 e XXIX, 3, Isaias XLII, 25, que o preceito divino jámais foi o de «confessar peccados», a outro homem.

Onde, nas escripturas, uma phrase sequer que autorise a confissão auricular aos padres, ou uma só prova de ter algum dos apóstolos assumido a autoridade de «perdoar peccados? »

O sentido elevado a Deus e a contricção é quanto Deus quer e quanto as escripturas recomendam.

« Cor contritum et humiliatum, Deus non dispiciet. »

O Publicano confessou-se dizendo : « Meu Deus sê propicio a mim peccador. »

Na oração dominical nós confessamo-nos diaria-

mente ao Pae nosso que está nos céos, dizendo :
«Perdoa-nos, Senhor, as nossas dividas.

(Psal XXXI, 5, Job XL, 9, Isaias LIX, 12, 13 ;
Dan. IX, 9, 18.)

O abbade Longuern, estando um dia em sua abadia do Jard, seus religiosos perguntaram-lhe quem era o seu confessor. « Quando me disserdes quem era o de Santo Agostinho, eu vos direi qual é o meu », foi a sua resposta. E cabe dizermos que o grande santo autor das « Confissões » não diz quem era o seu confessor. Parece que, fazendo as suas confissões publicas, dirigia-se a Deus positivamente e conforme o Evangelho.

Em que se fundou, pois, o Vaticano para extorquir dos concilios de Latrão e de Trento a regra obrigatoria da confissão auricular?

Com que fim se arrogou a Igreja de Roma uma tal instituição, sujeitando assim todos os fieis ao arbitrio miseravel dos padres romanos e do seu chefe?

Examinemos.

Diz Daniel Rannée, na sua excellente obra « Action de Jésus sur le monde » :

« Para chegar á pratica do seu systema de dominio universal, Innocencio III entendeu não dever confiar sómente nos seus soldados.

Recorreu a uma outra « milicia », numerosa, hierarchisada e absolutamente devotada.

Recorreu aos monges.

Até então os Benedictinos tinham bem merecido do christianismo, usando da prêdica.

« Não apoiavam, porém, as aspirações despoticas da Santa Sé, tinham-se constituido uma especie de

intermediarios entre o mundo leigo e o clero, e não reconheciam outro chefe directo que não fosse o abade, livremente eleito por elles-»

O Papado, portanto, necessitava de religiosos de diversa organização e que fossem submettidos a uma obediencia absoluta e «calculadamente» recomendados, como mendicantes, á caridade dos fieis.

Esses religiosos deviam renunciar a todas as vantagens particulares de corporação independente, para melhor guiar o povo nos projectos da Igreja Romana por meio da confissão e da prédica !

De calculos politicos nasceram as «ordens mendicantes» dos Dominicanos e Irmãos prégadores (jacobinos), celebres desde sua origem pelo concurso que prestaram aos assassinatos, ás matanças e ás fogueiras accendidas pela inquisição !

Os Franciscanos, os Carmelitas, os Servitas, os Capuchinhos e os Agostinhos vieram tambem quasi que ao mesmo tempo.

Onde está, em todo este conjuncto de creações, o menor vestigio das doutrinas prégadas por Jesus ?

E' preciso uma complacencia incommensuravel para descobrir uma só idéa moral nessa pretensão da Igreja Romana. Practicas automaticas, instituições cujo fim se occulta em um véo mysterioso, destinadas a sujeitar os homens, o mundo leigo, ás paixões, e aos appetites de una casta excepçional, ser á tudo menos una religião.

A doutrina da confissão por muito tempo foi duvidosa.

Até o seculo IX a Igreja não se lembrara de orde-

nar, que todo o christão confessasse seus peccados a um padre.

Pelas decretaes de Graciano, vê-se que, nos seculos seguintes, ainda não se admittira, em geral, a confissão a padre.

Foi no 4º concilio de Latrão, em 1215, que Innocencio III instituiu a confissão «auricular obrigatoria».

E a partir desta época a confissão começou a ser considerada como o unico meio de «obter a remissão dos peccados mortaes», concedida pelo padre, que se dizia «unico representante de Deus na terra» !

Por esta confissão, Innocencio pôde apoderar-se de todos os segredos dos corações e das familias ! e foi assim que se fez senhor do pensamento de todo o mundo christão !

Innocencio III, com a instituição da confissão auricular, foi o creador de escandalos inauditos, que humilham a Igreja.

A elle toda a culpa.

O confessor, dirigindo o espirito de seu penitente, toma a maior ascendencia sobre elle e a aproveita opportunamente.

Espreita o momento mais favoravel, a hora da morte, por exemplo, para dar-lhe golpes decisivos, obrigando-o a «instituir her leiros a pessoas» com elle mancommunaças, indicando-lhe a quem deve fazer esmolos, doações, etc.

Até os nossos dias o catholicismo tem sido opprimido por meio da confissão, pelo espirito intrigante do clero romano sem crenças !

S. Jeronymo já em seu tempo (Seculo IV) se mostrara envergonhado ante a avidez insaciavel dos

padres da Igreja e encorajava aos Imperadores a que prohibissem o clero de ser herdeiro de bens dos fideis.

Quantas depredações vergonhosas foram decretadas francamente pela Igreja na idade média?

Ella não queria somente que se lhe deixasse uma parte da fortuna, não se contentava com pouco, dispunha arbitrariamente de tudo, porque «queria tudo», e sempre com prejuizo dos legitimos interesses!

E áquelles que se negavam a satisfazer sua ambição eram infligidas as mais severas penas: negava-se-lhes tudo!

E querem os leitores um exemplo do que se faz, por meio do confessor, quaes os conselhos que muita vez se procuram no confissionario, e os planos que ali se engendram?

Attendam:

Mme. de Maintenon, «favorita» de Luiz XIV, teve por seu primeiro confessor e «director de consciencia, junto ao Rei», o padre Gobelin, que, affectando a mais austera rigidez, mas vendo o favor crescente de Mme. Scarron, tornou-se por tal modo servil e miseravel, que foi despedido sem explicações.

Maintenon procurou então o celebre prégador Bourdaloue, o qual, declarando «não poder corresponder-se todos os dias com ella», obrigou a escolher Godet Desmarais, bispo de Chartres.

Do que com este se passou, está escripta a seguinte interessante passagem, que fez conhecer o grão de influencia do confessor dessa mulher e a natureza de suas relações com o Rei!

Maintenon consultou ao seu «director de consciencia» se era um peccado ceder ella «aos desejos do Rei», deixando de ser simplesmente sua amiga para fazer-se sua «esposa».

Godet Desmarais respondeu-lhe :

« Eu vos affirmo que é «uma grande virtude, um acto de submissão, paciencia e caridade», porque preservaes aquelle, que vos é confi do, de cahir em impurezas e escandalos !

Apesar, pois, de vossa altivez propria, é preciso que vos sujeiteis e deis «asylo» a uma «alma que sem o vosso soccorro se perderá !»

Pensai bem, senhora

Que «graça» não mereceis por serdes «instrumento» dos conselhos de Deus, «fazendo por virtude o que outras fazem por paixão e sem merito» ! »

Confessada, confessor e rei são certamente um «modelo de moralidade» !

Quanto edifica um tal exemplo !

E o aviltamento do «confessor» é o meio pelo qual elle realisa os seus inconfessaveis interesses !

O confissionario constituiu se, pois, ou a simples degradação ou o melhor canal para a espoliação ; mas conservando sempre o seu character politico primitivo.

Sempre a ambição !

Sempre a avidez dos padres de Roma !

E nem sequer a igualdade é observada para com os penitentes !

Aos fieis «espontaneos», aos simples e aos pobres ordenam o jejum, a penitencia e a peregrinação

Aos ricos, porém, e aos poderosos, todas as penitencias, confissões e jejuns foram substituídos por esmolas e offeras fixas, que entravam, não para o bolsinho dos pobres ou para o tronco das igrejas, mas «para o thesouro do proprio Papa» !

Isto seria incrível, se não houvesse provas irrecusaveis, apesar do grande cuidado da Curia Romana em dissimular e fazer desaparecer os exemplares das «Taxas da chancellaria romana», em que todos os crimes possiveis são tarifados.

Tal é a «confissão», como Roma a creou, como «zelosamente» a conserva e quer sustentar a todo custo!

E assim o deve fazer por que o confissionario é a principal arma politica de Roma!

Dahi vem que o Vaticano, «não confiando no clero nacional», brasileiro, despeja de Roma para aqui uma quantidade espantosa de barbadinhos, de jesuitas, de lazaristas e das inseparaveis irmãs de caridade, seus doceis instrumentos e como elles iniciadas nos tenebrosos mysterios de Roma, para a depredação e para o poder!

E essa «terrivel emigração fradesca», que em cousa alguma nos vem coadjuvar, é pelos bispos criminosos e escravos de Roma espalhada no interior das provincias, onde vão esses padres corrompidos plantar o fanatismo, enredar o povo, proclamar o «Syllabus» e o poder do Papa e aconselhar a resistencia ás leis e poderes do Estado!

E nestas condições pôde o governo deixar de providenciar de modo a acautelar o futuro deste paiz,

aliás tão ameaçado pela «omnipotencia» dos padres de Roma?

Sabemos que Roma não se demittirá do maior e menor dos elementos de seu poder, que é o confissionario.

Sabemos que a Igreja Romana pretente supplantar todos os poderes politicos e sujeitar tudo a seu unico imperio.

Neste caso e attendendo reflectidamente para a triste situação do Brasil, devemos procurar um remedio energico para cortar o mal pela raiz.

O confissionario acha-se em trabalho activo contra a liberdade de consciência, contra a constituição e contra as leis.

Os bispos, publicando, sem autorisação, os decretos de Roma, puzeram-se por si mesmos fóra da lei.

Os jornaes denominados religiosos, mantidos pelo episcopado, escarnecem do governo, que nada faz, e injuriam os liberaes sinceros que pedem que se proceda contra os infraactores e violadores da lei.

Collocando-se acima da legislação, os bispos e ultramontanos provocam a anarchia e a guerra civil.

O governo, depositario de nossas leis, encarregado de manter a tranquillidade publica e a independencia moral, politica, religiosa de todos os cidadãos, não póde e não deve tolerar por mais tempo as intrigas, as insolencias do clero ultramontano e dos homens absurdos.

Ha perigo publico... é preciso, pois, um remedio energico.

Este remedio está conhecido.

E' a SEPARAÇÃO DA IGREJA DO ESTADO.

Só assim o catholicismo póde ser preservado de uma ruina completa e deverá a prolongação de sua existencia áquelles cuja animosa iniciativa levar o governo, e por absoluta necessidade, a reduzir á impotencia os conspiradores de sachristias.

Se, ao contrario, o catholicismo não se remoçar ao contacto da civilização moderna, morrerá de caducidade e desalento, como o paganismo e as outras religiões da antiguidade.

Venha o que vier; e os que hoje são chamados innovadores e a quem os padres de Roma apedrejam e maldizem, terão servido com utilidade a causa duplamente sagrada da liberdade e da patria.

* * *

O bispo do Pará, rebelde como o de Olinda, e como este infractor da lei e no mesmo caso que elle, acha-se pronunciado á prisão e livramento.

O crime é o mesmo pelo qual se acha condemnado e cumprindo sentença Frei Vital de Oliveira.

O supremo tribunal de justiça cumpriu o seu dever.

Terá o arsenal de marinha mais um hospede e o thesouro nacional « mais a despeza extraordinaria e illegal » com o sustento de mais este « preso pobre ».

Macedo Costa no exercicio do bispado do Pará acompanhou aquelle em todos os desmandos, imprudencias e illegalidades.

Será, portanto, trazido preso a esta Côrte o homem audaz que, abusando do character sagrado de que se achava revestido, não trepidou nem sequer em açular o povo paraense contra o estrangeiro inerme, pacifico e industrioso que alli habita, e que se esforça pelo bem de sua patria adoptiva, á qual a mulher, os filhos e a familia o prendem.

Deixará o bispo crininoso, do Pará, «um preposto seu» para alli continuar as tropelias, por elle autorizadas ?

O que tem feito o governo e em igual hypothese para Pernambuco ?

O que fará em relação ao Pará ?

Não tem força para fazer executar os decretos judi-
ciarios e as suas proprias ordens ?

Não sabe o que faça, ou não quer fazer o que sabe ?

Acaute-le-se o povo.

A inercia do governo e a acção incessante dos ultramontanos e dos falsos liberaes o arrastarão ao mais hediondo dos despotismos.

Ganjanelli

Rio, 25 de Março de 1874.

P. S.—Daremos o seguinte artigo a 9 de Abril proximo futuro.

